

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

23 e 30 de Maio de 2025

DOCTOR X /1932

O MONSTRO

um filme de MICHAEL CURTIZ

Realização: Michael Curtiz *Argumento:* Robert Tasker, Earl Baldwin *a partir de* Terror (Howard W. Comstock, Allen C. Miller, 1928) [segunda a encenação da peça em Nova Iorque: *Doctor X*, 1931] *Fotografia* (35 mm, Technicolor e preto-e-branco): Ray Rennahan (versão Technicolor), Richard Tower (versão preto-e-branco /*não creditado*) *Som:* Robert B. Lee (*não creditado*) *Montagem:* George Amy *Direção artística:* Anton Grot *Efeitos de máscara:* Max Factor *Co Efeitos especiais (fotográficos):* Fred Jackman Jr. (*não creditado*) *Música:* Leo F. Forbstein (maestro da Orquestra Vitaphone), Bernhard Kaun (compositor da música de princípio e fim /*não creditado*) *Interpretação:* Lionel Atwill (Dr. Jerry Xavier), Fay Wray (Joanne “Joan” Xavier), Lee Tracy (Lee Taylor), Preston Fister (Dr. Wells), John Wray (Dr. Haines), Harry Beresford (Dr. Duke), Arthur Edmund Carewe (Dr. Rowitz), Leila Bennett (Mamie), Robert Warwick (Comissário de polícia Stevens), George Rosener (Otto), Willard Robertson (Detective O’Halloran), Thomas E. Jackson (Chefe de redacção do Daily World), Harry Holman (Mike, polícia à beira-mar), Mae Busch (Cathouse Madam), Tom Dugan (Xérife), etc.

Produção: First National Pictures (Estados Unidos, 1932) *Produtores executivos:* Hal B. Wallis, Darryl F. Zanuck (*não creditados*) *Título de trabalho:* *Cópia:* UCLA (versão Technicolor restaurada pela UCLA Film & Television Archive e The Film Foundation com financiamento da The George Lucas Family Foundation), 35 mm, Technicolor, falado em inglês e legendado electronicamente em português, 75 minutos *Estreia:* 3 de Agosto de 1932, em Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 30 de Outubro de 1934, no cinema Condes (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Are you bad luck? | *És aziaga?*
primeira fala do filme, do jornalista Lee Taylor

Bad luck! | *Azar!*
fala recorrente do filme, do jornalista Lee Taylor

The public want to read about it. The more sensational it is, the more the son-of-a-guns love it. |
O público quer ler. Quanto mais sensacionalista, mais os estupores adoram a coisa.
– Is that all you think about? Sensationalism? Don't you ever think about people's feelings? |
– *É só no que pensas? Sensacionalismo? Nunca pensas nos sentimentos das pessoas?*
num diálogo entre o jornalista e Joan Xavier

If you ask me, I think Dr. Xavier is using very unethical methods. |
Já que pergunta, penso que os métodos que o Dr. Xavier usa não são nada éticos.
– Necessity has no ethics, sir. | *A necessidade não tem ética, meu caro.*
num diálogo entre os Drs. Haines e Rowitz

Professor Duke don't criticize Joanne for her state of undress. |
Professor Duke, não critique a Joanne por se apresentar despida.
num diálogo entre os Drs. Haines e Duke

Close those curtains. Give me the shivers. Moon shining right in my face. |
Feche as cortinas. A lua está a cintilar-me na cara.
fala do Dr. Duke

A Lua é o astro de *Doctor X*, cintila num fundo verde-vivo, que também é um verde fúnebre. O primeiro plano lunar, uma vista geral, chama a vista terrestre do letreiro na fachada de uma morgue. É aí que o filme começa, nocturno e sombrio, com o homem de chapéu e gabardine a falar com os seus botões junto a um

candeeiro iluminado na noite. Entre os dois planos, há o contracampo do céu, com a vista geral daquele canto da cidade, atravessado por um polícia que roda o bastão na vertical e assobia, e o plano mais aproximado do homem de chapéu e gabardine que se ergue por trás do barril de madeira posicionado junto ao poste, à espreita. O plano do letreiro que situa a acção vem logo a seguir, lê-se consoante o primeiro movimento de câmara do filme. *Are you bad luck?* pergunta o jornalista à lua cheia apagando o fósforo que lhe acendeu o cigarro num segundo plano de lua cheia sobre céu escuro. Haverá outros planos de lua, sempre cintilante, para lá das nuvens que podem, ou não, encobri-la. Haverá outras vezes em que o jornalista profere *Azar!* A personagem de Lee Tracy chama-se Lee Taylor, é a terceira do elenco protagonizado pelas personagens de pai e filha, o Dr. Jerry de Lionel Atwill e a Joan de Fay Wray. Antes de, por exemplo, *Dinner at Eight*, no caso de Lee Tracy. Antes de *The Vampire Bat*, *Murders in the Zoo*, *Mystery of the Wax Museum*, *Son of Frankenstein* ou *The Devil Is a Woman* e *Captain Blood* no caso de Atwill, todos nos anos 1930. Antes de *King Kong*, no de Fay Wray.

Agora Terror-FC anos 1930 pré-Código em Technicolor. E apresentado numa magnífica, imaculada cópia 35 mm vinda dos arquivos da UCLA. A ocasião é rara, é raríssima. *Doctor X*, o filme de Michael Curtiz, também tem alguma coisa de policial, alguma coisa de comédia romântica e não faltam laivos surreais na história que engendra a investigação de homicídios em série, suspeição canibal, por um repórter e por um médico, este último também cientista e cabecilha de uma pequena trupe de outros médicos-cientistas vagamente “loucos” que se reúnem num laboratório de coloridas efervescências e muita experimentação. Por esse lado faz lembrar os sábios da Branca de Neve-Barbara Stanwyck, filmados, a preto-e-branco, por Howard Hawks na delirante comédia *Ball of Fire* (1941). Ou, em *flashforward*, pelo colorido e a bizarria, o ambiente laboratorial de *Edward Scissor Hands* de Tim Burton (1991), mais próximo do gótico de *Frankenstein* de James Whale (1931), a produção da Universal a partir do influentíssimo romance de Mary Shelley, *Frankenstein or, The Modern Prometheus* (1818). A ligação *monstruosa* é transparente. Em *Frankenstein*, como em *Doctor X*, o monstro “nasce” e “habita” o ambiente laboratorial, mesmo que a associação entre os dois filmes, universos, influências ou rastros se atenha a esse chão comum.

Este *Doctor X* é um dos múltiplos títulos da filmografia de Curtiz na década de 1930, após a chegada a Hollywood nos anos 20 do “século do cinema”. Pode lembrar-se que, nascido Manó Kaminer em 1886, o realizador americano de origem húngara, um dos mais prolíferos de sempre, que atravessou os tempos pioneiros e a “era dourada” do cinema dos estúdios, chegou à Califórnia a convite da Warner em 1926, numa altura em que era já um realizador europeu – como se diria hoje – com currículo. Nada menos do que uns sessenta filmes realizados. Em Hollywood, o número quase dobrou, a versatilidade e o saber do ofício também continuaram e apuraram géneros dentro, filmes a fio. Na década de 1930, o trabalho de Curtiz ficou mais associado a obras como *20,000 Years at Sing Sing* com Spencer Tracy e Bette Davis (1932), *The Charge of the Light Brigade*, *Captain Blood* (1935) e *The Adventures of Robin Hood* (1938) com Errol Flynn, ou ainda *Kid Galahad* (1937) com Edward G. Robinson, Bette Davis e Humphrey Bogart.

De anos consecutivos de produção, e bisando as participações de dois actores principais, Lionel Atwill e Fay Wray, *Doctor X* e *Mystery of the Wax Museum* (1933) formam um “díptico” enquanto incursões no *terror* – género em que o estúdio da Warner era menos fértil – e enquanto produções Technicolor em que à experimentação da nova tecnologia cromática era dado o plano de fundo e o primeiro plano. Se bem que tenham existido duas versões – a Technicolor (cedo desaparecida e só resgatada pelo restauro da UCLA graças ao material [re]encontrado no arquivo pessoal de Jack Warner) e uma versão no então canónico preto-e-branco supostamente destinada às cidades mais pequenas e à distribuição fora dos EUA, é transparente, em ambos os filmes, que tudo é pensado, dramática e cenicamente, a mise-en-scène, em função da exploração do processo cujo sistema original remonta a uma época pioneira. Foram das últimas

produções do processo Technicolor de duas cores (vermelho e verde). E se a paleta é impressionante, vai do Céu a subterrâneos terrestres e ao mar azul de uma praia tornada cenário perfeito para o nascimento de um casal no meio da treva, o verde impera em *Doctor X*. O tal verde vibrante e funesto, tão apropriado à história dos crimes em série em Nova Iorque, sempre sob a influência dos raios lunares (em noites de lua cheia) e comungando o facto de os corpos serem canibalizados após últimos suspiros – uma perfeita selvagem de que o médico incumbido do parecer clínico que pode ajudar a investigação policial acumula com principal suspeito. O homicida – que se vislumbra como vulto metamorfoseado cedo no filme – está a levar a cabo experiências por sua conta, é *o médico* e *o monstro*, mas para resolver o mistério são precisos o médico-mor, o polícia e o jornalista com a ajuda de todos os outros intervenientes mais secundários, em especial a criada e a jovem filha que, correspondida, se apaixona pelo jornalista.

A história, acentuadamente macabra, incorpora não poucos requintes de malvadez, mesmo os que o enquadramento poupa aos espectadores. Por um exemplo, com um lençol destapado sobre um cadáver que permanece oculto e sobre cuja mutilação *post mortem* duas personagens falam, deixando ler nas entrelinhas o que não partilham com uma terceira mais expectavelmente vulnerável a tais informações. Nem por isso se reclama imunidade à graça de um jornalista escondido numa despensa que guarda esqueletos, sem que dance com eles e antes espreite outros humanos acontecimentos enquanto é atacado pelo fumo que poderá sufocá-lo. Ou sem que o macabro tolde o a dimensão *thriller* (o suspeito que procura descobrir-se) que por sua vez se associa a um especial momento de efeitos de caracterização (o mascarado e a máscara de pele sintética: quando, em Agosto, a Cinemateca mostrar “a pele”, motivo de programa temático, *Doctor X / O Monstro* não será projectado... mas podia, lá isso podia). E sem que nada perturbe uma paixão nascente. Etc., etc., etc. *Doctor X* não será uma obra de tantas profundezas como, por seu exemplo, o seu contemporâneo *Frankenstein*. É um tesouro do delírio pré-Código Hays em Hollywood, tingido de devaneios de género, delírio sem freio, alguma modéstia série B e toda a ambição Technicolor. Viva a liberdade pré-Código de Michael Curtiz, com todas as suas molduras, espelhos, sombras, reflexos, raios lunares.

Maria João Madeira